



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA,**  
**CONTABILIDADE, SECRETARIADO EXECUTIVO E FINANÇAS – FEAAC**  
**DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO**  
**CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO**

**ANDRÉ PASSOS BEZERRA**

**POLÍTICAS DE PROSTITUIÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE**  
**PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NA SERIE *POSE***

**Fortaleza**

**2024**

ANDRÉ PASSOS BEZERRA

POLÍTICAS DE PROSTITUIÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE  
PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NA SÉRIE *POSE*

Monografia apresentada ao curso de Secretariado Executivo, da Faculdade de Economia, Administração, Atuariais, Contabilidade, Secretariado, e Finanças da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Secretariado Executivo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Joelma Soares da  
Silva.

**FORTALEZA**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B469p Bezerra, André Passos.  
Políticas de prostituição a partir da narrativa de personagens transexuais e travestis na série Pose / André Passos Bezerra. – 2024.  
51 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Secretariado Executivo, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Profa. Dra. Joelma Soares da Silva.

1. Prostituição . 2. Mulheres Transexuais. 3. Mercado de Trabalho. 4. Série Pose. I. Título.

CDD 651.3741

---

ANDRÉ PASSOS BEZERRA

POLÍTICAS DE PROSTITUIÇÃO A PARTIR DA NARRATIVA DE  
PERSONAGENS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NA SÉRIE *POSE*

Monografia apresentada ao curso de Secretariado Executivo, da Faculdade de Economia, Administração, Atuariais, Contabilidade, Secretariado, e Finanças da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Secretariado Executivo.

Aprovada em: 27/09/2024

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Joelma Soares da Silva (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Me. Francisco Edson Rodrigues da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Conceição de Maria Pinheiro Barros

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e Virgem de Guadalupe, que permitiram que eu chegasse a este momento tão aguardado por mim e por aqueles que me amam.

A mim, por ter conseguido chegar aqui sem desistir mesmo com todos os contratemplos e desafios ao longo desta jornada.

A minha mãe, Sheila Marques, que sempre me incentivou e deu tudo o que tinha para que esse sonho pudesse se realizar. Sem ela eu jamais teria conseguido, este momento é nosso, mãe.

Ao meu parceiro, Alex Oliveira, que me apoiou, aconselhou e segurou minhas mãos em todos os momentos difíceis, não me deixando desistir em nenhum momento.

Aos meus amigos Pedro Oliveira, Roberth Costa e Mariana Minami, que estiveram ao meu lado durante toda essa trajetória, eles deixaram toda essa jornada mais leve e feliz.

Por fim, mas não menos importante, a professora Joelma Soares, minha orientadora, agradeço não somente por ter me orientado neste que julgo um dos maiores desafios que já enfrentei, mas também por todos os conhecimentos compartilhados ao longo destes últimos anos.

## RESUMO

O mercado da prostituição é um dos mais antigos da história da humanidade, dentre os profissionais que atuam neste mercado podemos destacar as mulheres transexuais, pessoas que sofrem constantemente com preconceito, discriminação e outras diversas formas de violência. Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa é discutir como a prostituição, enquanto profissão, é retratada através do ponto de vista das personagens transexuais da série *Pose*. Assim sendo, foi adotado o método qualitativo de pesquisa, classificada como descritivo, através de uma análise fílmica, possuindo a técnica de coleta de dados a observação indireta da primeira temporada da série televisiva *Pose* (2018). Para a análise dos dados utilizou-se a técnica de análise sociológica dos discursos, que consiste em uma análise focada no contexto em que o diálogo é transmitido, onde os argumentos tomam sentido levando em conta a relação com os atores envolvidos no discurso. Os resultados evidenciaram que uma parcela das mulheres transexuais que atuam como garotas de programa o fazem por necessidade e por falta de oportunidades, entretanto, existe outra parcela que atua neste mercado por escolha, seja para a realização de algum fetiche ou fantasia, seja para levantar fundos para bancar luxos ou até mesmo como um ato de resistência. Sugeriu-se para pesquisas futuras a análise da realidade de garotas de programa na atualidade, assim como entrevistas com garotas de programa que atuem no mercado local a fim de entender não somente um recorte fictício, mas da realidade vivida por pessoas transexuais prostituídas fora do mundo cinematográfico.

**Palavras-chave:** prostituição; mulheres transexuais; mercado de trabalho; Série Pose.

## ABSTRACT

The prostitution market is one of the oldest in the history of humanity, among the professionals who work in this market we can highlight transsexual women, people who constantly suffer from prejudice, discrimination, and other various forms of violence. In this way, the objective of this research is to discuss how prostitution, as a profession, is portrayed from the point of view of the transsexual characters in the series *Pose*. Therefore, a qualitative research method was adopted, classified as descriptive, through film analysis, with the data collection technique being an indirect observation of the first season of the television series *Pose* (2018). For data analysis, was used the technique of sociological discourse analysis, which consists of an analysis focused on the context in which the dialogue is transmitted, where the arguments make sense taking into account the relationship with the actors involved in the discourse. The results showed that a portion of transsexual women who work as prostitutes do so out of necessity and lack of opportunities, however, there is another portion who work in this market out of choice, either to fulfill a fetish or fantasy or to raise funds to pay for luxuries or even as an act of resistance. As suggest that future research analyze the reality of prostitutes today, as well as interviews with prostitutes who work in the local market in order to understand not only a fictional cut but the reality experienced by transsexual prostituted people outside the world of cinema.

**Keywords:** prostitution; transgender women; job market; Pose series.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cenas do baile, 1º temporada .....	27
Figura 2 - Cultura ball, anos 1920-1980, Harlem/NY .....	28
Figura 3 - Casting da 1º Temporada de Pose .....	29
Figura 4 - Elektra em seu café da manhã .....	35
Figura 5 - Blanca Evangelista, Episódio 2 .....	36
Figura 6 - M.J. Rodriguez na premiação do Globo de Ouro .....	37
Figura 7 - Angel em um dos bailes com tema de casamento .....	38
Figura 8 - Angel no baile, Episódio 1 .....	39

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A transgeneridade nos discursos da série Pose .....	34
Quadro 2 - A prostituição na narrativa das protagonistas da série Pose .....	40
Quadro 3 - A narrativa da prostituição como atividade laboral na série Pose .....	41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
<b>2.1 Discriminação e Preconceito</b> .....	13
<b>2.2 O que é ser Trans?</b> .....	15
<b>2.3 A prostituição de corpos Trans</b> .....	17
<b>2.4 A prostituição como atividade laboral</b> .....	19
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	23
<b>3.1 Classificação da pesquisa</b> .....	23
<b>3.2 Técnica de coleta de dados</b> .....	24
<b>3.3 Instrumento de coleta de dados</b> .....	25
<b>3.4 Objeto de estudo</b> .....	25
<b>3.4.1 Como se constrói uma série de sucesso?</b> .....	26
<b>3.5 Apresentação e análise dos dados</b> .....	29
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	32
<b>4.1 Um recorte histórico das vivências transexuais</b> .....	32
<b>4.2 A transgeneridade nos discursos da série Pose</b> .....	33
<b>4.2.1 Elektra Abundance: Mulher e Poder</b> .....	34
<b>4.2.2 Blanca Evangelista: Mulher e Gentileza</b> .....	36
<b>4.2.3 Angel Evangelista: Mulher e Inocência</b> .....	38
<b>4.3 A prostituição na narrativa das personagens transexuais da série Pose</b> .....	40
<b>4.4 A narrativa da prostituição como atividade laboral na série Pose</b> .....	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

A prostituição pode ser entendida como o ato de prestar serviços sexuais a outrem em troca de dinheiro, profissão em que se tem a troca de sexo e da experiência sexual completa por dinheiro (Rivetti, 2023). Atualmente ela é considerada uma ocupação, prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o código 5198-05 – profissional do sexo. A prostituição é tida por alguns autores como algo negativo, como uma atividade que vai contra os valores construídos por uma sociedade pautada por normas cristãs e heteronormativa (Duarte; Vanz, 2008; Tomura, 2009; entre outros trabalhos). Para estes autores a prestação de serviços sexuais é ligada a aspectos da desonestidade e vai contra a ideia de dignidade que o trabalho formal busca trazer para os indivíduos.

De forma geral, a prostituição é ligada diretamente a marginalidade social, seja pelos preconceitos construídos socialmente que geram exclusões sociais e discriminações, seja pela falta de regulamentação da profissão que faz com que a atividade seja exercida sem garantir nenhum direito básico para aqueles que a praticam (Balloute, 2016; Marins Nunes, 2016; Silva; Costa; Nascimento, 2010;).

Por outro lado, existem autores como Corrêa *et al.* (2021) que buscam apresentar a prostituição não como algo negativo ou degradante, mas como uma profissão que carece de direitos básicos e reconhecimento do Estado. Corrêa *et al.* (2021, p. 299) defendem ainda que as profissionais do sexo no Brasil hoje são importantes para o desenvolvimento de estudos, pois, "As prostitutas hoje, no Brasil, são agentes centrais na produção de conhecimento escrito sobre trabalho sexual e sobre feminismo, bem como importantes agentes de mobilizações culturais no âmbito local."

Desta forma, este trabalho busca defender que quem atua no mercado da prostituição não o faz como único meio de sobrevivência, sobretudo no que diz respeito a pessoas transexuais e travestis, indivíduos estes que sofrem diversas formas de hostilidades não somente pela profissão exercida, mas por serem sujeitos que fogem da norma imposta pela sociedade heteronormativa a qual estão alocadas.

Do ponto de vista da construção da presente pesquisa, é possível assumir que ao falar de gênero, tratou-se de uma categoria sociológica e performática, ligada a dimensões de cultura, poder e padrões de comportamento. Por esse motivo, alguns pontos da problematização teórica que a pesquisa quer alcançar envolve pelo menos uma categoria epistemológica relativamente recente: o Transfeminismo (Nascimento, 2021). Tal conceito, longe de figurar como um elemento inerte na pesquisa, visa perspectivar o modo como na

série *Pose* o gênero se projeta encampando lutas políticas e de reivindicação de reconhecimento simbólico e social. Assim o Transfeminismo serve enquanto perspectiva de análise que incorre em diferentes possibilidades: a prática prostituição como resultado de um processo de precarização das existências Trans, a vulnerabilidade socioeconômica que se vislumbra no sexo como objeto de troca comercial, a questão racial no contexto de sujeitos latinos ou de famílias latinas imigrantes na New York dos anos de 1980. A partir deste ponto, o termo Trans será utilizado neste trabalho ao se referir a pessoas transexuais e travestis.

Para Nascimento (2021), pesquisadora e mulher Trans, o Transfeminismo nasce colada as discussões do feminismo negro, principalmente sobre sua ênfase em reconhecer a negação implícita da humanidade de mulheres negras e Pessoas Trans no escopo das lutas feministas da terceira onda. Tal, possibilidade teórica permite problematizar o modo que a própria prática da prostituição tão resenhada na série *Pose* escapa a ideia dualista: necessidade ou escolha, sobrevivência ou prazer.

*Pose* é uma série fictícia ambientada em uma Nova York neoliberal entre 1987-1988, apresentado uma cultura queer nos guetos negros e latinos que abrigava Pessoas Trans, Travestis, Gays, Lésbicas, Pessoas Pretas, Prostitutas e demais grupos, essa cultura pulsava em cores e performances em eventos teatrais de dança chamados *balls* (bailes na versão brasileira).

A série traz como protagonista a personagem transexual e ex-garota de programa Blanca Rodriguez, a mesma decide se dedicar para deixar seu legado após ser diagnosticada como soropositiva, diagnóstico este que era comparável com uma sentença de morte nos anos 1980 por não existir um tratamento eficaz contra a infecção. Como legado a protagonista funda sua própria "casa", abrigando assim jovens homossexuais e transexuais sem moradia, a partir daí outros diversos enredos são desenrolados.

A cena underground que vai fazer da série um sucesso em termos de números de audiência e também por suas controvérsias envolvendo atores e atrizes em cerimônias públicas como o Oscar, trata de uma abordagem mista de sensibilidade e inclusão política. Murphy, o diretor da série, fez questão de construir um casting de atores e atrizes, roteiristas e produtores diversos, incluindo mulheres e homens Trans, Pessoas Pretas e Latinas, Pessoas Com Deficiência (PCD) e muito mais. Mesclando ainda nomes de peso que já trabalharam com ele em outras produções: Evan Peters; James Van Der Beek; Michaela Jaé Rodriguez; Dominique Jackson; Billy Porter. A série *Pose* acaba aparecendo em seu portfólio enquanto uma obra visual de grande impacto ao produzir simultaneamente um entretenimento de qualidade estética e de conteúdo impactante. O ambiente histórico de *Pose* transpassa temas

importantes: a epidemia de HIV-Aids no contexto de políticas repressivas para a população LGBT americana, a gentrificação de bairros imigrantes em uma New York marcada por desigualdades de raça e de classe.

Desse modo, este trabalho busca responder a seguinte pergunta norteadora: Como é retratada a profissão de garota de programa através da narrativa das personagens transexuais da série *Pose*? Diante do que foi exposto, o presente estudo tem por objetivo central discutir como a prostituição, enquanto profissão, é retratada através do ponto de vista das personagens transexuais da série *Pose*. Tendo como objetivos específicos: 1) refletir sobre como a transgeneridade é pensada nos diferentes registros discursivos que a série *Pose* apresenta; 2) identificar como a prostituição, enquanto fator social, é vista de acordo com a narrativa das personagens transexuais principais da série *Pose*; 3) descrever como a série *Pose* elabora uma narrativa de como a prostituição é tida como atividade laboral.

Tal pesquisa se faz necessária para levantar discussões acerca da prostituição e da transgeneridade, mostrando a carência de regulamentação da profissão, assim como apresentar para o curso de Secretariado Executivo um tema social contemporâneo e necessário que precisa ser conhecido por estes profissionais uma vez que estes temas também podem ser encontradas no contexto organizacional. Ademais, esta pesquisa traz informação, buscando assim impactar na forma como a sociedade lida com temas como preconceito e discriminação contra pessoas transexuais e travestis.

O presente estudo será seccionado pelas seções de Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Análise e Discussão dos Dados, e Considerações Finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais no mundo, sendo de apenas 35 anos a média de vida de uma mulher Trans e travestis no nosso país. A Transgender Europe (TGEU, 2018) relatou 2.609 crimes de assassinatos contra pessoas transexuais em 71 países entre os anos de 2008 a 2017, sendo o Brasil o líder de casos. De acordo com um estudo realizado por Mendes e Silva (2020), o Brasil teve um salto nos casos de homicídios contra a população LGBT, onde no período de 2002 a 2006 foram registrados 158 casos de mortes, contra 558 casos entre os anos de 2012 a 2016, sendo um crescimento de 253%.

Para fundamentar o desenvolvimento desta pesquisa nesta seção serão apresentados temas como discriminação e preconceito, o que é ser uma pessoa transexual, a prostituição de corpos Trans e a prostituição enquanto atividade laboral.

### 2.1 Discriminação e Preconceito

Na história da humanidade é possível encontrar uma grande diversidade de cores, raças, credos, identidade de gênero, dentre tantos outros fatores que vão caracterizar a humanidade como múltipla. Porém, apesar de diversa, a história também mostra que a trajetória das sociedades humanas é repleta de desigualdades, preconceitos e discriminações, sobretudo no que tange pessoas pretas, mulheres, homossexuais e Pessoas Transsexuais e Travestis. Tal aspecto se deve ao:

[...] preconceito e a vulnerabilidade enfrentados pelas travestis são marcas muito fortes em suas vidas. Elas passam diariamente por situações de desrespeito, tendo os seus direitos negligenciados e encontrando vivências de dor e sofrimento, como ilustra a fala de Angelina: “Se dependesse de mim eu seria o contrário de mim”. Ser o contrário de si para amenizar a dor do desrespeito. Ser o contrário de si para se enquadrar em um modelo binarista e hetero-cis-normativo a que fomos ensinados a seguir e a excluir todos aqueles que não o seguem (Moraes; Nogueira, 2019, p. 21).

Para entender mais sobre estas desigualdades, Rios (2008) traz a definição de preconceito como um conceito geral referente a concepção mental negativa atribuída a um indivíduo ou grupo social inferiorizado. Já para o autor, discriminação é algo mais palpável, ou seja, é a efetivação material do preconceito, podendo a discriminação ocorrer por meio de ação ou omissão que violam os direitos do sujeito ou grupo discriminado.

Ainda para Rios (2008), a discriminação pode ser subdividida em dois tipos, a direta e a indireta. A discriminação direta é aquela em que existem práticas intencionais e

conscientes por meio dos agentes, já a discriminação indireta se dá por uma realidade histórica que se reproduz no tempo, são atitudes aparentemente neutras, mas que possuem teor eminentemente discriminatório.

De acordo com Moreira (2017) existe ainda a definição de discriminação negativa e discriminação positiva, onde a primeira atinge diretamente o princípio de igualdade de tratamento, baseada em uma motivação ilegítima, com a finalidade de manter um sujeito ou grupo subordinado. Ao falar de discriminação positiva o autor aponta que é um ato legítimo, uma vez que esta cria uma vantagem temporária ou permanente ao sujeito ou grupo vulnerabilizado que necessita de ação estatal para adquirirem a igualdade material.

Bento (2008) aponta que pessoas transexuais sofrem discriminações de diversas formas, seja pela família, pelos amigos, pela sociedade e até pelo mercado de trabalho, para o autor, estes indivíduos vivem marginalizados, pois:

(...) o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo na história do processo de (re)produção sexual. Neste processo, certos códigos naturalizam-se, outros, são ofuscados e/ou sistematicamente eliminados, postos às margens do humanamente aceitável, como acontece com as pessoas transexuais (Bento, 2008, p. 30).

Longaray e Ribeiro defendem que:

As transexuais e as travestis são alvos dessa investigação por serem entendidas como corpos abjetos, sendo, para muitos/as, consideradas aberrações, pois desafiam a heteronormatividade, ou seja, são produzidos fora da inteligibilidade social, incoerentemente em relação às normas hegemônicas. Provocam, muitas vezes, repulsa na sociedade (Longaray; Ribeiro, 2016, p. 763).

É possível notar que existe um grande índice de violência contra pessoas transexuais no país, porém, não é somente a violência física que faz com que estas pessoas vivam à margem da sociedade. Branquinho e Dutra (2022) apontam outros fatores que marginalizam a existência de pessoas transexuais na sociedade, sendo elas, o abandono familiar, o preconceito à identidade de gênero, a recusa de empregos formais para Pessoas Trans, dentre outras diversas razões.

Ainda para Branquinho e Dutra (2022), a soma destes fatores com a necessidade de ganhar dinheiro para sobrevivência, leva a maior parte das mulheres transexuais ao caminho da prostituição. Ao passo que estas pessoas se tornam invisíveis para o Estado e para a sociedade, e lhe são negadas oportunidades de empregos formais, mulheres transexuais e travestis muitas vezes socorrem-se a trabalho informais, sendo assim impelidas a atuarem na indústria do sexo, indústria esta que as acolhe e remunera por seus serviços.

Os trabalhadores e as trabalhadoras do ramo da prostituição são, frequentemente, vítimas da marginalização pela sociedade. Além disso, tal atividade existe, muitas vezes, como única alternativa para certos sujeitos, dentre eles, para as mulheres transexuais (Branquinho; Dutra, 2022, p. 14).

É possível perceber que existem diversos fatores econômicos e sociais que impelem mulheres transexuais e travestis a adentrarem no mercado da prostituição, mas antes de entender melhor estes fatores e motivações que impulsionam a venda dos seus corpos em troca de remuneração, é importante primeiro entender quem são estes sujeitos e o que os fazem tão destoantes do restante da sociedade.

## **2.2 O que é ser Trans?**

Desde a idade antiga existem registro de pessoas que com o tempo passaram a se identificar com o sexo oposto ao qual lhes foram designados no nascimento, porém, para que seja possível entender o que é a transgeneridade é necessário primeiro compreender o que é gênero e como a sociedade lida com estas definições. Para Butler (2008), o sexo em sua definição, é uma categoria tomada em seu gênero, desta forma, não cabe a ideia do gênero como uma mera interpretação cultural do sexo. O gênero não pode ser simplesmente entendido como a inscrição cultural de significado em um sexo entendido como inato. Ainda para a autora, o gênero é um meio cultural no qual a “natureza sexuada” é produzida e estabelecida como "pré-discurso", ou seja, é uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

A ideia de gênero para Butler (2008) é um ato intencional e performativo, é uma realidade que toma forma a partir de atos e palavras que se repetem de forma estilizada, repetição esta que produz um efeito ontológico, levando a crer na existência de seres homens e seres mulheres e deixando de lado a ideia de macho e fêmea. Assim dizendo, os gêneros são performances sociais. Não existe a ideia de originais ou cópias, certos ou errados, independente de estarmos tratando de pessoas cis, sujeitos estes que se identificam com gênero ao qual foram submetidos ou de pessoas Trans.

Contudo, em obras posteriores, Judith Butler (2016) avança em seus estudos de gênero para além de performance. A autora sustenta a ideia que gênero é uma construção social e não apenas um resultado casual do sexo.

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo

feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (Butler, 2016, p. 26).

Em outras palavras, o gênero não pode ser considerado como binário, não se trata apenas de masculino ou feminino, pois, nem sempre corpos masculinos são homens e corpos femininos são mulheres. Butler (2016) aponta ainda a existência de um terceiro gênero, sendo este o gênero dos homossexuais, transexuais e travestis, assim como a existência da performance de gênero, normalmente retratada pelas drag queens, sendo a performance de gênero a imitação ou caricatura de um gênero específico. A autora assume também que a heterossexualidade não deve ser fixa e imutável, todas as configurações de gênero podem ser plurais e auxiliarem no combate do que o gênero binário chama de "inatural".

Preciado (2014) defende por sua vez que gênero vai muito além de performance, pois, o gênero seria algo construído na mesma medida em que é orgânico, “não se dá senão na materialidade dos corpos” (p. 29). Ainda para o autor, o gênero é o resultado de uma fabricação de corpos sexuais utilizando de tecnologias sofisticadas para tal, ao passo que o sexo biológico é efeito da reinscrição das práticas de gênero no corpo. Para ilustrar a ideia de que gênero vai além do sexo biológico, é possível citar a célebre frase de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (2016, p. 11). Beauvoir (2016) entende gênero como algo adquirido através da cultura, onde o sexo é inato e imutável, mas o gênero é uma construção que ocorre a partir dos *inputs* da sociedade, ou de outra forma, o gênero é necessariamente um acontecimento político.

Petry e Meyer (2011), autores que buscam explicitar as diferentes problematizações sobre as questões de gênero nas sociedades ocidentais, é importante pensar que existe uma heteronormatividade, um termo criado em 1991 por Michael Warner. Trata-se de um conceito que se refere a problematização de normas ligadas ao sexo biológico, identidade de gênero, papel social da sexualidade e de gênero, assim como as implicações sociais que estas instituições exercem nas sociedades ocidentais. Ainda para os autores, a heteronorma é descrita como um sistema binário e dicotômico de categorização, que tem como base a genitália para justificar padrões e comportamentos sociais e individuais, sejam estes ligados aos conceitos de virilidade e feminilidade, macho e fêmea, homem e mulher. A heteronormatividade estabelece comportamentos esperados aos indivíduos masculinos e femininos levando em conta apenas seu sexo e gênero, e marginaliza os indivíduos que não se identificam com essa binaridade (alguns pesquisadores inclusive irão pensar esses sujeitos como dissidentes das normas de gênero).

Por sua vez, Pessoas Trans são aquelas que, ao nascer, foram designados como

pertencentes a um sexo específico, mas que ao longo de suas vidas se identificam com outro gênero, podendo viver uma existência como um homem transexual, sujeito este que foi designado como do sexo feminino ao nascer e posteriormente transicionou para o gênero masculino. Ou uma mulher transexual, onde esta foi reconhecida como menino ao nascer e passou por um processo de transição para o gênero feminino ao longo de sua vida. Na maioria dos casos estes indivíduos utilizam de meios tecnológicos para modificação do corpo durante esta transição, seja por processo de hormonização, cirurgias estéticas ou mesmo a cirurgia de redesignação de gênero, processos estes que buscam aproximar seus corpos biológicos com a ideia de feminilidade e masculinidade construída pela sociedade (Bento, 2006; 2008; Leite Jr., 2011; Teixeira, 2013).

Pessoas transexuais ultrapassam o conceito binário de gênero, possuindo sua própria identidade e não se identificando com o sexo ao qual foram designados ao nascerem. Para Marinho:

São pessoas em que o sexo biológico não se compatibiliza com o sexo psíquico, fazendo com que busquem constantemente a adequação do seu corpo à mente, na maioria das vezes estas pessoas desejam e buscam realizar a cirurgia de redesignação de sexo por possuírem ojeriza ao seu órgão sexual (Marinho, 2016, p. 262).

Por fim, Nascimento (2021) destaca que a questão da transgeneridade vai além de um conjunto de procedimentos técnicos, biomédicos ou hormonais para configurar processos de transição de gênero, englobando também traços comportamentais, psicológicos e pessoais. Em suma, a transição de gênero é um processo pessoal, existencial e singular de cada sujeito.

### **2.3 A prostituição de corpos Trans**

Tendo em vista a desigualdade enfrentada por pessoas transexuais, muitas destas não encontram meio de vida nos trabalhos formais, encontrando nos trabalhos informais, sobretudo na prostituição, não somente uma forma de sobrevivência, mas uma força de resistência. Rago (2008) levanta teorias que aproximam a narrativa de pessoas transexuais e travestis em situação de prostituição com a sua ideia de prostituta-vítima. Para a autora, a prostituta-vítima é aquela profissional do sexo que utiliza destes meios como única forma de sobrevivência, seja para completar um salário miserável ou porque não possuem qualificação profissional adequada para a inserção no mercado formal, de qualquer forma, é através do sexo que estas pessoas adquirem seus sustentos.

Branquinho e Dutra (2022) afirmam que a maior parte das mulheres transexuais e travestis que atuam como profissionais do sexo o fazem por motivos sociais ligados ao preconceito e a discriminação, como é possível notar na fala dos autores:

A prostituição costuma surgir na vida dessas mulheres transexuais e travestis atrelada principalmente a dois fatores: o abandono familiar gerado pelo preconceito à identidade de gênero desses sujeitos e à necessidade de conseguir dinheiro muito jovem, tanto para a sobrevivência como para as transformações corporais que elas desejam, atrelado ao preconceito e à falta de oportunidades que o mercado de trabalho formal reproduz sobre essas pessoas (Branquinho; Dutra, 2022, p. 208).

Por outro lado, existem também profissionais do sexo que escolhem entrar neste mercado por vontade própria, seja para buscar realização própria através do prazer ou da realização de uma fantasia, assim como para bancar luxos que almejam ou até mesmo para defender um posicionamento cultural e político ligado ao direito de exercerem sua sexualidade conforme lhes convém. (Clarindo; Zamboni; Martins, 2021)

Existe ainda uma parcela das profissionais do sexo que escolhem atuar neste mercado como meio de escapar das normas impostas em seus âmbitos familiares e sociais, usando da prostituição como uma ferramenta não só de fuga, mas de resistência, como é apontado por Rago (2008):

A prostituição foi vivenciada [também] como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e da constituição de novos territórios do desejo. Configurou-se, portanto, como espaço onde puderam emergir outros modos de funcionamento desejante – anárquicos, microscópicos, diferenciados –, mais do que como lugar da transgressão do interdito sexual, como em geral é analisada (Rago, 2008, p. 27).

Ao se falar de prostituição de corpos transexuais e travestis é importante entender o meio em que estes são, de certa forma, comercializados. Silva e Ornat (2011) definem o território da prostituição travesti como não somente a localização geográfica que as profissionais atuam, mas também as relações de convivência que estas mantêm com outros indivíduos que dividem estes espaços, sejam estes clientes, policiais ou demais grupos sociais que ali ficam localizados.

Souza (2000) defende que o território de prostituição possui um caráter temporário de apropriação do espaço, geralmente, os espaços que são tidos como território de prostituição durante a noite são tomados durante os dias por trabalhadores, consumidores e moradores. Tendo isto em mente, o autor assume que os territórios de prostituição são instituídos através da imposição de condutas em espaços determinados e em horários

específicos, espaços estes que são considerados pelo autor como "flutuantes" ou móveis".

Silva e Ornat (2011) apontam que o território de prostituição travesti não é somente local de atuação profissional, mas também um local de aprendizado e de formação de indivíduos a partir de situações do cotidiano. Como problematizam os autores:

O território da prostituição travesti é um amálgama constituído por afetos, disputas, relações amorosas e comerciais, estruturado em redes de significados que as travestis constroem em relação ao território e sobre si mesmas. É no território, ainda, que elas aprendem a performar a subversão do gênero, é aqui onde elas se tornam travestis, incorporando os elementos que são comuns à identidade feminina num corpo que, biologicamente sendo masculino, vai se feminilizando por meio da performance, mas também por meio de alterações hormonais e cirurgias. Na dialética entre exclusão e apropriação do espaço, é no território que as travestis se fortalecem, onde se forjam como indivíduos que não devem ser ingênuos, mas corajosos e espertos na medida em que avançam 'no processo de transformação do corpo andrógino ao corpo travesti' (Silva; Ornat, 2011, p. 179-180).

Deste modo, de acordo com Corrêa (2021), é possível compreender que as trabalhadoras sexuais, em sua grande maioria, atuam neste mercado por necessidade ou por falta de oportunidade, mas também existe a parcela que exerce esta profissão por vontade própria. Assim sendo, estes indivíduos não devem ser tidos como vítimas ou algozes de suas próprias histórias, mas como protagonistas que lutam pelos seus direitos.

## **2.4 A prostituição como atividade laboral**

Para alguns autores o trabalho é muito mais que uma atividade que visa a obtenção de lucro, mas sim um instrumento de inserção social. Segundo Cecato (2011), o trabalho significa um bem-estar econômico e social, que proporciona satisfação e serve como instrumento de inserção social. Para o autor, é por meio do trabalho que ocorre a inclusão socioeconômica, seja para o indivíduo possuir renda a fim de se sustentar, seja para que este seja inserido na sociedade como cidadão, trazendo assim a soma de satisfação pessoal e profissional. Fonseca (2014, p. 99) assevera que o trabalho se trata: “de um direito vinculado à vida, pois sem trabalho as pessoas não tem como proporcionar uma vida digna para si e para sua família”

De acordo com Delgado (2008):

O trabalho, em especial o regulado (o emprego, em suma), por ser assecuratório de certo patamar de garantias do ser humano, constitui-se no mais importante veículo de afirmação socioeconômica da grande maioria dos indivíduos componentes da sociedade capitalista, sendo desse modo, um dos mais relevantes (senão o maior deles) instrumentos de afirmação da democracia na visão social (Delgado, 2008, p. 21).

No que tange a definição de profissão da prostituição, Balloute (2023) defende que:

A prostituição pode ser conceituada basicamente como o ato de prestar serviços sexuais a outrem em troca de dinheiro. Por um preço estipulado, a pessoa prostituída oferece sexo a terceiros em troca de remuneração. Atualmente ela é considerada uma ocupação, prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o código 5198-05 – profissional do sexo (Balloute, 2023, p. 01).

O autor apresenta ainda a realidade da profissão no território brasileiro ao afirmar que:

No Brasil, embora não seja proibida, a prostituição não é uma profissão regulamentada, motivo pelo qual não está sujeita à legislação trabalhista nem tampouco possui normas que a regem. Isso faz com que, embora essa profissão exista, não lhe seja conferida direitos básicos de proteção e amparo, destinados à maioria dos trabalhadores formais (mesmo que não celetistas, como é o caso dos advogados, biomédicos, psicólogos etc.) (Balloute, 2023, p. 02).

Desta forma é possível entender que o trabalho é um fator social que garante aos trabalhadores não somente a remuneração por seus serviços prestados, mas também dignidade e um posicionamento social. Contudo, a prostituição, apesar de estar prevista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), e proporcionando um retorno financeiro para quem a exerce, não proporciona a dignidade e os direitos básicos que outras profissões que possuem regulamentação garantem.

Balloute (2016) ainda defende que a profissão gera certa vulnerabilidade e desproteção para as profissionais em consequência desta falta de regulamentação da ocupação.

Por sua vez, para outros autores, a prostituição vai contra esta ideia de dignidade que o trabalho formal traz. A prostituição é tão antiga quando a história da humanidade, sendo em diversas vezes ligada à ideia de desonestidade e degradação em decorrência de preconceitos e estigmas. (Duarte; Vanz, 2008; Tomura, 2009;).

Marins Nunes (2016) defende também que a prostituição é a profissão mais antiga da história da humanidade, apesar disto, esta atividade sofre até os dias atuais com a marginalidade imposta pelas condições sociais, condições estas que degradam, estigmatizam e, em muitos cenários, desumanizam as profissionais do sexo.

A imagem da prostituição feminina é, na grande maioria dos casos, retratada de forma negativa. Moura (1992) aponta que a prostituição é caracterizada como a prática que desfaz o comportamento socialmente construído da imagem feminina, onde a mulher é

esposa e mãe. A autora ainda compara a sexualidade no casamento com a prostituição, onde no primeiro é identificada como saúde, na segunda representa doenças, perigos e risco de acabar com a instituição do casamento.

Corrêa et. al (2021) defende que entre os anos de 2010 e 2021 a prostituição, sobretudo praticadas por mulheres, ganhou uma grande visibilidade midiática o que auxiliou nos números de casos de discriminações e atos de violências contra profissionais do sexo:

Nesse novo ciclo, o repúdio feminista ao trabalho sexual e à transgeneridade se amplificou e se intensificou muito no espaço conflagrado das redes sociais. Multiplicaram-se ataques sistemáticos por parte de algumas lideranças feministas vinculadas tanto a partidos ou ao feminismo radical contra as mulheres (cis e trans-) prostitutas que reivindicam seus direitos e sua pauta política. Desde então, esses debates não arrefeceram, na verdade se intensificaram a partir de 2019, em particular no que diz respeito aos direitos trans (Corrêa et. al, 2021, p. 298).

Ainda para a autora, a morte de Gabriela Leite, pensadora e articuladora do movimento brasileiro e latino-americano de prostitutas, em 2013, foi um marco significativo de proporções internacionais que fortaleceram as vozes políticas que defendem os profissionais dos sexo, assim como possibilitaram a criação da Articulação Nacional de Trabalhadoras Sexuais (descendente da antiga Federação Nacional de Trabalhadoras Sexuais) e a mais recente Central Única de Trabalhadoras Sexuais (CUTS), entidades que buscam trazer visibilidade para estes profissionais, lutando por seus direitos, sobretudo a segurança. (Corrêa et. al, 2021;)

Corrêa et al. (2016) traz ainda o ponto de vista de profissionais do sexo buscando desconstruir a imagem da prostituta como uma vítima da sociedade, esta profissão é por muitas vezes uma escolha e não uma punição. Um das definições da profissão é defendida por Gabriela Leite (2010 *apud* Corrêa et al., 2021):

“Eu entendo prostituição como uma questão central a ser discutida quando falamos de direitos sexuais... eu entendo a prostituição como o direito de vender fantasias sexuais. Além do desejo e de um direito sexual, a prostituição é trabalho. Como trabalho, ela implica direitos e deveres. Hoje as prostitutas não têm direitos trabalhistas. Se as relações de trabalho forem esquecidas, tudo é esquecido e esse é o gap do qual os criminosos se aproveitam. É isso que produz exploração. Exploração existe porque prostituição é uma “terra de ninguém”” (Corrêa et. al, 2021, p. 322).

Ainda no mesmo estudo, Janaína Lima (2010 *apud* Corrêa et al., 2021), militante travesti, pedagoga e profissional de sexo, apresenta sua visão a respeito da prostituição como atividade laboral:

“Nós trabalhamos, mas não temos nenhum suporte trabalhista ou legal, mesmo

quando há uma grande demanda pelo trabalho sexual na sociedade. A visão de que as pessoas têm da prostituição é que é muito ruim, pois faz com que as pessoas que trabalham com isso não tenham uma voz. Mas não é assim. Tem pessoas que gostariam de ser grandes empresárias, mas não podem e por isso se tornam faxineiras. Isso não é ruim ou errado em si. É simplesmente um meio de ganhar a vida. Eu acho que a prostituição é um meio de sobrevivência. Algumas pessoas fazem por falta de oportunidades. Outras porque completa a renda. Mas também há aquelas que entram nessa vida como um hobby, da mesma forma que algumas pessoas trabalham durante a semana e pintam paredes no fim de semana. (...) O que precisa ser combatido não é a prostituição em si, mas a exploração, como lutamos contra a exploração em outras áreas de trabalho. Isso é realmente necessário porque há muitas pessoas que exploram o trabalho da mulher, travestis e homens engajados no mercado sexual” (Corrêa *et. al*, 2021, p. 323).

As profissionais do sexo encontram em seu cotidiano diversos fatores que as prejudicam no que diz respeito a relação trabalho e saúde. A rotina de trabalho destas profissionais é capaz de alterar sua saúde mental e física de diversas formas, como, por exemplo, casos de violência e agressão física ocasionada de atritos com clientes e com a polícia, a exposição do seus corpos sujeitos a violência nas ruas, a falta de uso de preservativos, divergência de princípios com a relação do sexo rentável, potenciais fontes de estresse, depressão, dentre outros diversos fatores. Estes elementos são bastante representativos no que diz respeito ao desenvolvimento de doenças que acometem não somente o bem estar mental, mas o corpo como um todo. (Silva; Costa; Nascimento, 2010).

Assim sendo, é possível compreender que apesar de trazer, em boa parte dos casos, altos retornos financeiros que possibilitam não somente o sustento, mas também a possibilidade da realização de alguns luxos, a profissão de garota de programa traz consigo muitos fatores que colocam em risco o bem-estar físico e mental para quem atua neste mercado.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Quando se fala em pesquisa científica entende-se que é um caminho para chegar a um determinado conhecimento por meio de métodos que botam em prova a veracidade destes estudos. Neste tópico serão explanados os métodos utilizados para a realização da pesquisa.

Marconi e Lakatos (2003, p. 234) afirmam que pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Já para Cervo e Bervian (2002, p. 16) “A ciência é um modo de compreender e analisar o mundo empírico, envolvendo o conjunto de procedimentos e a busca do conhecimento científico”. Deste modo, é possível perceber a relevância da pesquisa científica e do método científico, pois é através destes que é gerado o conhecimento empírico.

Ainda para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa científica deve ter originalidade, contribuir com o desenvolvimento de conhecimentos e com o entendimento de certos fenômenos, assim como atuar como referências para pesquisas futuras.

#### **3.1 Classificação da pesquisa**

Para que fosse possível alcançar o objetivo da pesquisa neste trabalho, foi utilizado, no que se refere a classificação de pesquisa, o método qualitativo, que, de acordo com Paiva (2019), busca compreender e descrever situações do cotidiano, utilizando de análises extensas e efetivas acerca do tema. Minayo (2001, p.21) afirma que, "a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações". A definição de Minayo representa bem a classificação desta pesquisa uma vez que esta tem por finalidade realizar uma análise subjetiva sobre o comportamento humano e das relações presentes na série aqui analisada.

Quanto aos meios, esta pesquisa é classificada como documental uma vez que utiliza de documentos existentes com a finalidade de compreender determinado fenômeno, neste caso uma série televisiva (Gil, 2009). No que diz respeito aos fins, esta pesquisa é descritiva, pois, além de expor características de uma série televisiva, também busca investigar e desenvolver temas apresentados na obra. Para Gil (2002), a pesquisa descritiva possibilita uma maior aproximação do problema, tornando assim possível desenvolver hipóteses, possibilitando uma compreensão do tema cada vez maior.

### 3.2 Técnica de coleta de dados

A coleta de dados deste trabalho se deu por meio de observação indireta uma vez que os dados foram gerados através da observação de uma obra já criada. Segundo Martins e Theóphilo (2009, p. 86), “a observação consiste em um exame minucioso que requer atenção na coleta e análise das informações, dados e evidências. Para tanto, deve ser precedida por um levantamento de referencial teórico e outras pesquisas relacionadas ao estudo”. Ou seja, para que a geração de dados através da observação indireta seja bem-sucedida, é necessário que exista uma base de referencial teórico que reforce e possibilite a realização de afirmações com base científica.

Leite e Leite (2012, p. 221) explicam que “metodologicamente, a observação na análise fílmica traz, entre outros benefícios, a possibilidade de depuração das cenas com microanálises estruturadas e baseadas em dados diretamente observáveis dessas cenas”. Desta forma, é possível concluir que o meio ideal de coleta de dados de filmes ou séries é a observação indireta, pois, esta possibilita analisar recortes específicos da obra tendo uma base teórica de autores que tratam do assunto.

Ainda para Leite e Leite (2012), o processo de análise e interpretação dos dados ocorre logo após a coleta de dados por meio da observação, processo este que proporciona uma sistematização e controle necessários aos procedimentos científicos. Assim sendo, para a técnica de coleta foram analisados oito episódios da série televisiva *Pose*, a saber, toda a primeira temporada, utilizando de imagens e falas coletadas da obra como objetos da observação indireta. Foram escolhidos estes episódios por serem os episódios introdutórios da série, tornando assim mais acessível compreender as características e motivações das personagens. Foram analisadas conforme referencial teórico quanto a vivências de pessoas transexuais e travestis, assim como fatores que instigaram as personagens a se prostituírem.

Para que o objetivo fosse alcançado a análise foi dividida em duas partes, onde na primeira foram assistidos aos episódios selecionando cenas que manifestassem concordância com os objetivos deste trabalho. Já na segunda etapa foram selecionadas cenas que expusessem com maior clareza diálogos que ilustrassem os pontos buscados nesta pesquisa, em seguida estas cenas foram registradas na tabela autoral.

Ainda, no que tange o alcance do objetivo desta pesquisa, foi utilizado o método de análise fílmica, que para Penafria (2009, p. 1):

O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma

actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme (Penafria, 2009, p. 01).

Butler (2009) defende que a dualidade ficção/realidade não é algo simples de analisar, para o autor, apesar de muitas vezes as obras representarem realidades vividas pela sociedade, é necessário levar em conta aspectos fundamentais, por exemplo, a realidade dos mundos ficcionais, as frequentes e recorrentes hibridizações de gênero e de formatos, as relações que o telespectador mantém com a ficção, além da simples constatação de que há programas que não se oferecem nem como ficção nem como não-ficção.

Leite e Leite (2012, p. 222) apontam que “Nesse tipo de estudo, o filme deve ser exibido o número de vezes necessário e suficiente para se proceder à análise”. Ou seja, com o auxílio do roteiro, para que a análise fosse realizada a contento, foi necessário rever a obra algumas vezes, vezes o suficiente para alcançar o objetivo da pesquisa.

### **3.3 Instrumento de coleta de dados**

O instrumento de coleta de dados foi um roteiro preparado pelo autor, apresentado no Apêndice A, sendo composto pelos três objetivos específicos desta pesquisa. No primeiro objetivo buscou-se identificar cenas em que são representados momentos de interação onde pode ser notado diálogos em que se possa discutir como são vistas as questões de transgeneridade de acordo com a narrativa das personagens transexuais.

O segundo e o terceiro objetivo são centrados nas relações de pessoas transexuais com o mercado de trabalho. No que tange este objetivo o autor analisou cenas e falas onde as personagens dialogam sobre suas experiências com empregos formais, sobre suas realidades sociais e suas motivações para atuarem na prostituição.

### **3.4 Objeto de estudo**

Obras cinematográficas são fontes infundáveis de informações, que por sua vez podem servir de base para o desenvolvimento de inúmeros trabalhos. Leite e Leite (2007) afirmam que um filme pode se tornar um instrumento de pesquisa interminável, isto dependerá da teoria que o pesquisador estiver averiguando, afinal, em grande parte dos casos, os filmes retratam experiências de observação da vida cotidiana.

Tendo em vista a mesma natureza entre filmes e séries televisivas, para a pesquisa

foi utilizada a primeira temporada série *Pose* (2018), de Ryan Murphy, nesta série são apresentadas diversas personagens da comunidade LGBTQIAPN+ vivendo na década de 1980 na cidade de Nova York, cada personagem tendo seu enredo próprio e convivendo com seus dramas particulares, dramas estes que envolvem abandono parental, falta de moradia, discriminação social, infecção pelo vírus do HIV, desemprego e prostituição.

"*Pose*" é um drama que dá destaque às lendas, aos ícones e às ferozes fundadoras da cultura *underground ballroom* de Nova Iorque, um movimento que ganhou notoriedade pela primeira vez nos anos 1980. Ao fazer história na televisão, "*Pose*" apresenta o maior elenco de atores transgêneros com papéis regulares na série, bem como o maior elenco recorrente de atores LGBTQ de sempre numa série de ficção. O elenco de transgêneros inclui Mj Rodriguez, Dominique Jackson, Indya Moore, Hailie Sahar e Angelica Ross, que são co-estrelas ao lado de Billy Porter, Ryan Jamaal Swain, Angel Bismark Curiel, Dyllón Burnside, Sandra Bernhard e Charlayne Woodard. (Disney, 2018)

A série traz como protagonista a personagem transexual e ex-garota de programa Blanca Rodriguez, a mesma decide se dedicar para deixar seu legado após ser diagnosticada como soropositiva, diagnóstico este que era comparável com uma sentença de morte nos anos 1980 por não existir um tratamento eficaz contra a infecção. Como legado a protagonista funda sua própria "casa", abrigando assim jovens homossexuais e transexuais sem moradia, a partir daí outros diversos enredos são desenrolados.

A série *Pose* possui três temporadas totalizando 25 episódios que possuem durações variadas entre 45 e 78 minutos. É possível assistir a obra na plataforma digital Disney Plus e para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas cenas dos oito primeiros episódios que formam a primeira temporada da série.

Para a análise foram consideradas cenas das personagens Elektra Abundance, Blanca Evangelista e Angel Evangelista, a escolha destas personagens se deu por serem as três protagonistas transexuais da série e todas elas terem ligações com a atuação no mercado da prostituição. As cenas analisadas como objeto de estudo foram as que apresentaram diálogos com traços discriminatórios contra pessoas transexuais e travestis, assim como cenas em que existam diálogos a respeito de mercado de trabalho, experiências profissionais e prostituição.

### ***3.4.1 Como se constrói uma série de sucesso?***

O diretor Ryan Murphy ganhou notoriedade na mídia internacional com a série *American Horror History* que já conta com mais de dez temporadas. Murphy e sua equipe estabeleceu novos padrões de produção televisiva ao explorar histórias contagiantes situadas no entremeio político e simbólico de universos potencialmente reais: a colonização americana e o genocídio indígena, os boatos de bruxaria e vudu na região sul dos Estados Unidos, casarões mal-assombrados, teorias conspiratórias, aliens, narrativas escatológicas envolvendo o anticristo, a corrosão da democracia, loucura, as fake news, machismo, homofobia, espiritismo, possessão, filmes pornô e tantos outros. O tom do diretor e produtor televisivo acaba por impor como marca uma preocupação política ilustrada em personagens icônicas que incorporam ideais sociais, mas, são retratadas detalhadamente com defeitos, derrotas e medos.

Com a série *Pose* não poderia ser diferente: personagens fortes, rebeldes e com histórias de vida bem roteirizadas são apresentadas aos espectadores como formas de atingir um estranhamento para além da tela. Trazer o espectador para uma posição de incômodo acaba aproximando as obras de Murphy da perspectiva de Bertolt Brecht (1898-1957) que via, no seu caso, o teatro como instrumento de crítica e aproximação do público com as demandas reais de grupos situados a margens dos processos de políticos (Rodrigues, 2010). Diferente de Brecht, o diretor estadunidense visa incluir nesse movimento de incômodo um motivo estético e histórico. Em *Pose*, ambientada em uma Nova York neoliberal entre 1987-1988, se estabelecia uma cultura queer nos guetos negros e latinos que abrigava Pessoas Trans, Travestis, Gays, Lésbicas, Pessoas Pretas, Prostitutas e demais grupos, essa cultura pulsava em cores e performances em eventos teatrais de dança chamados *balls* (bailes na versão brasileira).

Figura 1 - Cenas do baile, 1º temporada



Fonte: Série - Pose (2018)

Os bailes serviam como encontros de coreografias, confrontos e debates, eles se acendiam com desfile e boas demonstrações de “*dancing vogue*”<sup>1</sup>. Uma dança, ou um jeito específico de dançar marcado pelo uso de expressões faciais e das mãos, do jogo de pernas e simulação de quedas. O vogue explode nos anos de 1990 e passa a ter uma profunda identificação com a cultura LGBT nascente, funcionando como elemento de reafirmação identitária, espaço de expressão e questionamento dos estereótipos de gênero circundantes. Parte da série *Pose* mostra como o vogue vai além de traços e gestos histriônicos e incorpora a própria luta por visibilidade dos/as LGBT, a popularização do termo veio a partir da música de mesmo nome da Madonna, que obviamente foi inspirada pelos *balls* comuns nos guetos nova-iorquinos da década de 1980.

Figura 2 - Cultura ball, anos 1920-1980, Harlem/NY



Fonte: Draglicious (2020)

A cena underground que vai fazer da série um sucesso em termos de números de audiência e também por suas controvérsias envolvendo atores e atrizes em cerimônias públicas como o Oscar, trata de uma abordagem mista de sensibilidade e inclusão política. Murphy fez questão de construir um casting de atores e atrizes, roteiristas e produtores diversos, incluindo mulheres e homens Trans, Pessoas Pretas e Latinas, Pessoas Com Deficiência (PCD) e muito mais. Mesclando ainda nomes de peso que já trabalharam com ele em outras produções: Evan Peters; James Van Der Beek; Michaela Jaé Rodriguez; Dominique Jackson; Billy Porter. A série *Pose* acaba aparecendo em seu portfólio enquanto uma obra

---

<sup>1</sup> Entenda o que é Vogue, estilo de dança com forte influência na moda. Disponível em: <https://www.napontadope.com/entenda-o-que-e-vogue-estilo-de-danca-com-forte-influencia%20Madonna.>>. Acesso em 17/04/2024.

visual de grande impacto ao produzir simultaneamente um entretenimento de qualidade estética e de conteúdo impactante. O ambiente histórico de *Pose* transpassa temas importantes: a epidemia de HIV-Aids no contexto de políticas repressivas para a população LGBT americana, a gentrificação de bairros imigrantes em uma New York marcada por desigualdades de raça e de classe.

Figura 3 - Casting da 1ª Temporada de Pose



Fonte: Correio Brasiliense (2017)

O escopo do roteiro é um mundo à parte. Murphy incorporou uma equipe de peso: Steven Canals; Janet Mock; Brad Falchuk dentre outros/as. Parte desse time o acompanha em outras produções. De modo geral, a preocupação com um roteiro engajado e que produza além de boas cenas, uma comoção no espectador é um ponto crucial. Portanto, em *Pose*, as cenas mesclam o mergulho entre passado e futuro das personagens e exploram suas subjetividades, visando fornecer diferentes fios narrativos que ao final de cada episódio garantem um tipo de imersão nas alteridades ali mobilizadas. Ao longo de cada episódio existe uma trama inicial centrada nos protagonistas e antagonistas, subtramas de fundo erótico ou cômico, e por fim, uma trama social que garante consistência narrativa a cada uma delas. O roteiro tem camadas. Nesse sentido, focar nos personagens como construções narrativas que possibilitem a análise fornecem melhores ferramentas analíticas, esse procedimento será feito nos tópicos subsequentes.

### 3.5 Apresentação e análise dos dados

Após a observação indireta, os dados foram apresentados por meio de recorte de

cenar, estas analisadas em suas falas. Cada análise sendo baseada no roteiro criado pelo autor possuindo um embasamento teórico e uma imagem, facilitando assim o entendimento.

Para a análise dos dados foi utilizado a técnica de Análise do Discurso por se tratar de uma metodologia que tem por objetivo verificar como a mensagem é transmitida, assim como o seu sentido. A Análise do Discurso pode ser definida como um conjunto de técnicas e métodos baseados na semiótica, caracterizando-se por uma gama de tradições e práticas de caráter interdisciplinar, que busca a interpretação de ações sociais dos sujeitos dentro de um contexto, seja ele, social, político, cultural ou econômico. A principal característica da Análise do Discurso é a utilização da linguagem como ponto de partida para a definição de outros materiais de análise. (Pêcheux, 1994; Penalva *et al.*, 2015).

Para que a análise seja bem sucedida a pesquisa deve ser orientada de forma que seja possível identificar uma articulação entre os significados próprios de uma sociedade ou determinado grupo, sobre um tema específico de maneira que possa expressar significados e fazer efetivas as suas intenções por meio dos discursos, “investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2015, p. 24; Penalva *et al.*, 2015).

Esta pesquisa teve como orientação a análise sociológica dos discursos, esta sendo uma ramificação da Análise do Discurso. Godoi (2010) explica que para a análise sociológica do discurso não interessa a quantificação ou significação dos signos constante nos textos, não se busca com ela encontrar qualquer tipo de estrutura, mas sim reconstruir o sentido do discurso em uma situação de enunciação, podendo esta ser micro ou macrossocial. A análise sociológica dos discursos se trata de uma análise que leva em conta o contexto em que o diálogo é transmitido, onde os argumentos tomam sentido levando em conta a relação com os atores envolvidos no discurso.

A Análise do Discurso é realizada em três níveis de aproximação, chamados de textual, contextual e de interpretação sociológica. No primeiro nível a análise é focada na semiótica em que o discurso é caracterizado a partir do enunciado. O nível contextual engloba a compreensão dos significados dos discursos focando-se na enunciação e considerando o contexto situacional e intertextual. É no nível da interpretação sociológica que a Análise Sociológica do Discurso se desenvolve mais efetivamente, a explicação do discurso baseia-se nas dimensões da informação, ideologia e produto social (Ruiz; Ruiz, 2009).

Conde (2009) foi o primeiro autor a sistematizar a teoria da análise sociológica do discurso, para o autor, para que a análise seja bem sucedida é necessário seguir quatro etapas principais. A primeira etapa é nomeada como Trabalhos Práticos Iniciais, é onde ocorre a preparação da análise dos textos, é onde ocorre a leitura inicial e ordenada do discurso. A

segunda etapa é chamada de Procedimentos de Interpretação, nesta etapa são analisadas as conjecturas pré-analíticas e os estilos discursivos do discurso. Os Procedimentos de Análise compõem a terceira etapa do processo, nesta etapa são analisados os posicionamentos discursivos, as configurações narrativas e os espaços semânticos. A quarta e última etapa são os Procedimentos Complementares à Análise e Interpretação, neste ponto são levados em conta as associações, deslocamentos e condensações do discurso.

Para apresentar os dados foi desenvolvido um quadro autoral contendo o episódio, a cena apresentada, seu contexto e a minutagem, assim como a ligação com o referencial teórico, desta forma as informações foram apresentadas de forma detalhada e clara.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção serão discutidos os resultados da análise fílmica do seriado televisivo *Pose*. O principal modo de análise foi feito a partir de cenas colhidas na primeira temporada da série. As cenas destacam personagens que protagonizam monólogos e diálogos em que se apresenta uma posição de resistência, seja social, econômica ou política aos estereótipos e preconceitos de gênero que atravessam os sujeitos da trama. Nesse sentido, a discussão estabelece como critério analítico a relevância do roteiro e o ponto de vista único expresso por cada personagem para estabelecer uma verdade ulterior de seu contexto histórico e social.

### 4.1 Um recorte histórico das vivências transexuais

O movimento andrógino teve seu início na década de 1960 nos Estados Unidos da América, trazendo nomes famosos como Twiggy e David Bowie como modelos deste movimento. Twiggy usava cabelos curtos e vestia roupas masculinas, Bowie usava saltos plataforma, maquiagem e roupas femininas. Para a época, esta postura era considerada transgressora e polêmica (Silva, 2008).

Já nos anos de 1970 o movimento feminista crescia e junto dele muitas mulheres transexuais lutavam para fazer parte desta mobilização, porém, a tentativa de inserção no movimento teve resultado contrário, uma vez que muitas feministas, incluindo Janice Raymond, criticaram ferrenhamente as pessoas transexuais que tentaram fazer parte do movimento. Estas feministas consideravam a inserção das mulheres transexuais ao movimento como o retorno do poder patriarcal masculino uma vez que estas mulheres nasceram homens (Bento, 2006)

Nas décadas de 1980 e 1990, as pessoas transgêneras ganharam notoriedades graças às diversas personalidades transexuais e *drag queens* que ganharam espaço na mídia, como a comediantes Divine e a modelo Roberta Close. Foi a partir destas décadas que pessoas Trans começaram a ganhar espaço no universo do cinema, da televisão e da literatura com a produção de filmes, séries, novelas e livros com a temática Trans. (Silva e Oliveira, 2015).

Porém, Carvalho e Carrara (2013) apontam que junto da visibilidade midiática, o movimento LGBTQIAPN+, sobretudo no que tange pessoas transexuais, também ganhou notoriedade por questões negativas. Foi a partir da década de 1980 que começaram a surgir inúmeros casos de conflitos entre pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e a polícia. Foi

também nos anos de 1980 que teve início a pandemia do vírus do HIV/AIDS, sendo vista pela sociedade como uma doença originada e exclusiva de gays, transexuais e travestis.

Ainda para Carvalho e Carrara (2013), o binômio violência policial/AIDS foi um dos alicerces que fundamentou a constituição de um movimento que incorporou outras bandeiras, dando voz à minorias que lutavam por direitos que lhe eram ceifados e proporcionando a criação de instituições que forneciam apoio a vítimas de violência policial e pessoas diagnosticadas com o vírus da AIDS.

De acordo com a CNN Brasil (2021), em 5 de junho de 1981 foi registrado o primeiro caso da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Cerca de um mês depois um relatório do Centro para Controle de Doenças (CDC) foi publicado, este relatório registrava outros 26 casos da doença em Nova York e na Califórnia, todas as pessoas diagnosticadas com a doença eram homens gays, assim que esses dados se tornaram públicos a doença passou a ser considerada não somente uma doença de gays, mas uma sentença de morte. A partir daí, os casos foram aumentando e até a data da publicação da reportagem (2021) os números de óbitos pela doença passavam de 700 mil casos somente nos Estados Unidos.

A CNN Brasil (2021) apontou a ainda que, em 19 de março de 1987 um novo medicamento chamado AZT era apresentado como um tratamento antirretroviral que serviria como uma terapia que transformaria o que significava viver com o vírus do HIV, terapia esta que foi seguida de diversos outros tratamentos que melhoram a qualidade de vida de pessoas que conviviam com o vírus. Junto dos tratamentos que surgiam no final dos anos de 1980 e 1990, a doença tomava outras percepções públicas, muitos ativistas e celebridades como Ryan White e Earvin “*Magic*” Johnson vieram a público se pronunciar sobre a doença, deixando claro para todos que não se tratava de uma doença exclusiva de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+.

#### **4.2 A transgeneridade nos discursos da série *Pose***

Em *Pose* existem diversas personagens transexuais, mas para esta análise, foram consideradas as três protagonistas transexuais que encabeçam a trama, a saber, Elektra Abundance, Blanca Evangelista e Angel Evangelista. Elektra é caracterizada por sua personalidade forte e traços de poder e dominação. Blanca por sua vez, é lembrada por sua gentileza, garra e cuidado com o próximo. Angel traz como características principais a inocência e a beleza, demonstrando um olhar único para o mundo que acerca.

Quadro 1 - A transgeneridade nos discursos da série *Pose*.

CENA	MINUTAGEM	CONTEXTO
Conflito de ideias entre Blanca e Elektra.	01'50''	Episódio 1- Piloto. A casa Abundance decide a categoria que quer participar do baile. Blanca confronta Elektra sobre suas ideias.
Blanca descobre que tem HIV.	16'34''	Episódio 1 – Piloto. No hospital Blanca é informada sobre sua infecção por HIV, por uma médica.
Blanca decide sair da Casa Abundance.	21'50''	Episódio 1 – Piloto. Blanca resolve sair da casa Abundance e fundar sua própria, Elektra a humilha.
Blanca encontra um jovem negro expulso de casa no parque. O nome dele é Damon.	26'30''	Episódio 1 – Piloto. Blanca o acolhe para sua nova Casa, detalha sua hormonização e fala sobre seus diversos empregos.
Blanca é expulsa de bar gay.	28'40''	Episódio 2 – Acesso. Blanca sofre discriminação e é expulsa do bar Boy Lounge por ser mulher transexual.
No hospital Elektra está acamada recebe anestesia e assina o termo de responsabilidade para iniciar a cirurgia de redesignação sexual.	37'06''	Episódio 5 – Dias das mães. Entre recortes de sua memória e o início dos bailes, Elektra está reflexiva no hospital.
Angel revela para Patty Bowes que é mulher transexual.	03'00''	Episódio 6 – Amor é o caminho. Em uma lanchonete, depois de ter entrado em contato por telefone com Angel. Esposa e amante conversam e Angel revela para Patty que é uma mulher transexual.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Neste tópico foram introduzidas cada uma dessas personagens separadamente, apresentando suas características, motivações e enredo, demonstrando assim, como é retratada a imagem da mulher transexual através da narrativa da série *Pose*.

#### **4.2.1 Elektra Abundance: Mulher e Poder**

Das personagens que marcam *Pose*, Elektra talvez seja uma das mais icônicas em termos de roteiro e também pelo porte estético que a atriz Dominique Jackson traduz, atriz Trans de reconhecido talento, Jackson fornece a Elektra diferentes facetas. Mas, as principais delas são a força de vontade, a ferocidade e o empoderamento. Elektra Abundance nomeia-se como a mãe da Casa Abundance, na cultura *ball* de 1980 Pretos, Latinos, Trans e outras minorias se viam obrigados a construir seus próprios lares, e fazer frente a uma normatividade opressiva. Era comum Pessoas LGBT serem tratadas com profundo desrespeito por seus familiares (não que isso ainda tenha mudado substancialmente), no entanto, no contexto histórico de *Pose*, as Casas, como são chamadas, eram grupos de Pessoas LGBT que se reuniam para disputar os bailes em um sistema de notas e contrapesos com jurados previamente selecionados, acabavam funcionando como uma família, uma linhagem adotiva. A casa Abundance marca a primeira temporada por inaugurar o baile com o tema realeza.

Figura 4 - Elektra em seu café da manhã



Fonte: Série - Pose (2018)

Apesar de focar na sua biografia, traumas e histórias de vida, de Elektra Abundance, a primeira temporada objetiva mostrar Elektra como uma mãe (assim sendo nomeada pelo papel de liderança e gestão de recursos para manter a Casa Abundance funcionando). Ela, por outro lado, é também retratada enquanto uma mulher dura com seus “filhos e filhas”. Nos episódios um e dois da primeira temporada isso fica explícito nas discussões com eles e elas. Quando se encaminha para o final, Elektra acaba esvaziando-se de sua empáfia inicial. Ela é mostrada como alguém que se adaptou a dureza de seu ofício, criou barreiras subjetivas, se agarrou a fantasias de superioridade, tratou mau quem deveria proteger

acreditando que a dureza ajudaria os seus afilhados a se tornarem tão fortes quanto ela. Em uma cena icônica, quando Elektra decide pela cirurgia de redesignação sexual, contrariando as vontades de seu cliente, se percebe um lampejo de vulnerabilidade.

#### 4.2.2 Blanca Evangelista: Mulher e Gentileza

Blanca provavelmente é uma das personagens mais marcantes da série *Pose*, mas, esse traço é diametralmente oposto à iconicidade de Elektra. Afro-dominicana, latina, magra, negra de traços afilados, mestiça. Na 1ª temporada ela é representada de forma singela, quase imperceptível. Dona de um olhar gentil, Blanca é uma das filhas de Elektra e tal como sua mãe é uma mulher Trans que precisa se organizar financeiramente.

Dedicada e serena, Blanca simboliza o coração da série, enfrentando quem for para defender os seus direitos e de seus filhos. No segundo episódio da série a protagonista é humilhada e agredida por membros da comunidade LGBTQIAPN+ por ser uma mulher transexual tentando beber em um bar gay, por fim, Blanca é presa por tentar defender seus direitos. Todavia, a mãe da casa Evangelista mantém um segredo, tanto em sua origem quanto em seu próprio corpo: é portadora de HIV-Aids, infectada, ainda em sua adolescência.

Figura 5 - Blanca Evangelista, Episódio 2



Fonte: Série - Pose (2018)

Blanca enfrenta Elektra na primeira temporada, questionando o modo como ela gerencia a casa Abundance. Em tom melancólico, reconhecendo o tempo e a amizade que nutriu por sua matriarca, Blanca anuncia em um dos bailes da primeira temporada sua Casa, em homenagem à supermodelo canadense, Linda Evangelista, a House Evangelista é inaugurada. Blanca leva com ela uma parte da casa Abundance de Elektra enfraquecendo sua influência nos guetos do Harlem e apontando para outras formas de ouvir e ser ouvida. O ato é interpretado como desrespeito e põem em questão o quanto Blanca é vista enquanto uma pessoa fraca, idealista e sonhadora. Elektra trama sua ruína e a coloca em situações difíceis em cada novo baile. Mas, a casa Evangelista sobrevive.

Figura 6 - M.J. Rodriguez na premiação do Globo de Ouro



Fonte: Diário do Nordeste (2020)

Quem dá luz a personagem é a atriz Trans Michaela Jaé Rodriguez ou simplesmente M.J. Rodriguez sua performance lhe rendeu a indicação ao Emmy Award em 2021. Sua história de vida contrasta com sua personagem, marcada por uma vida nova-iorquina com uma forte educação católica, teve apoio de seu pai para realizar o sonho de ser atriz e para enfrentar os preconceitos relacionados a sua identidade de gênero. Nesse ponto, é relevante mencionar que Blanca gera um forte reconhecimento e representatividade que sua atuação confere. Algumas pesquisas indicam que sua personagem em *Pose* estabelece ferramentas estéticas e semióticas para combate aos estereótipos relacionados à diversidade

sexual (NASCIMENTO, 2021). Blanca não é apenas sonhadora e idealista, é empática e perseverante traduzindo ao público um ponto de desnaturalização de seus preconceitos.

#### ***4.2.3 Angel Evangelista: Mulher e Inocência***

Representada como a mais nova da tríade de protagonistas, Angel de ascendência dominicana é apresentada de maneira singela, até simplista, deslumbrada e avoadada, possuidora de uma beleza cativante. Ao longo dos episódios ela é mostrada inocentemente encantada com sua própria beleza, tal aspecto transparece na trama pela interação tímida com outras personagens e com um roteiro que foca justamente em mostrá-la enquanto uma pessoa simplória, mas de grande apelo visual, com lindos figurinos. Não é por acaso que a série também ganhou o prêmio de melhor fotografia. Como Blanca, Angel é uma das filhas de Elektra da casa Abundance, e por conta dos desentendimentos vividos, opta por viver com Blanca e se filia a casa Evangelista.

Figura 7 - Angel em um dos bailes com tema de casamento



Fonte: Série - Pose (2018)

Apesar de sua beleza e sedução, Angel não demonstra completa satisfação com seu corpo, a personagem ama exibir suas feições, mas no quarto episódio da série a garota

busca meios escusos de aplicar silicone a fim de evidenciar suas curvas. Em outros episódios da obra, Angel demonstra grande repulsa por seu órgão genital masculino, esse traço pode ser visto no episódio piloto quando Stan pede para a ver sem roupas e a mesma fala que tem o desejo de fazer a cirurgia de redesignação de sexo, assim como no sexto episódio, quando Patty pede para ver sua região íntima e Angel é bem incisiva ao falar que não gosta desta parte do seu corpo.

Figura 8 - Angel no baile, episódio 1



Fonte: Série - Pose (2018)

A base da atuação de Indya Moore parece ser o próprio sonho. Não na forma de um escape da realidade, mais próximo a ideia de uma utopia. Afinal, múltiplas pesquisas no âmbito das ciências humanas apontam a existência de uma cultura de desrespeito que cria estereótipos de gênero excludentes, os quais, Pessoas Trans aparecem não como pessoas dotadas de humanidades. Mas, corpos destituídos de valor. Moore consegue dar vida a Angel por várias similaridades de sua própria biografia: nova-iorquina, Pessoa Trans Não-binária, Negra. Esses pontos de contato entre atriz e personagem tornam a atuação de Indya Moore mais densa em termos de representatividade. Diante desses elementos, das três personagens elencadas, mereça uma atenção específica que possa comparar os sentidos do ato de se prostituir que não podem ser resumidos a uma escolha de sobrevivência.

### 4.3 A prostituição na narrativa das personagens transexuais da série *Pose*

De maneira geral pode-se pensar que a prostituição não se refere apenas a uma dimensão econômica ou mesmo sexual. Nesse sentido, as protagonistas de *Pose* supracitadas podem ser vistas por esse prisma, todas inclusive aquelas que apelam para a prostituição como um último recurso. Do ponto de vista das Ciências Sociais Aplicadas (CSA) a prática de se prostituir é pensada em termos de um problema social que se refere a marginalidade de diferentes agrupamentos sociais ou mesmo na forma de um mercado ilegal, sustentado por troca de bens, dinheiro e até privilégios de acesso. Na trama de *Pose* é exatamente por essa ótica que a prostituição é apresentada, não sem um sentido cinematográfico, uma espécie de romantização. Todavia, *Pose* acrescenta as idiossincrasias das personagens que acabam dando novas significações para o ato de se prostituir.

Quadro 2 - A prostituição na narrativa das protagonistas da série *Pose*.

CENA	MINUTAGEM	CONTEXTO
Angel fala para Stan que faz programa porque o dinheiro é bom e gosta de ser admirada.	42'30"	Episódio 2 - Acesso. Angel conversa com Stan (seu cliente) em uma lanchonete e explica porque faz programas e se exhibe em um clube de Peep-View.
Sr. Ford diz que não quer que Elektra faça a cirurgia de redesignação de gênero.	16'00"	Episódio 4 - A Febre. Elektra vai visitar o Sr. Ford para fazer programa e após o atendimento, o Sr. Ford fala para Elektra que gosta dela com seu órgão genital masculino e a vê como um fetiche, ameaçando a largar caso faça a cirurgia.
Blanca defende o fato de Angel se prostituir	02'17"	Episódio 7 – Aviso de Despejo. Blanca briga com Papi por ele vender drogas e rebate comentário dele sobre Angel vender seu corpo.
Em um hotel no centro do New York, Elektra confessa ao seu amante que realizou a cirurgia.	04'30"	Episódio 7 – Aviso de Despejo. Antes do sexo, Elektra fala sobre sua cirurgia e é rejeita e abandonada por seu amante.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

No roteiro de *Pose*, Elektra, Angel e Blanca são como tipos-ideias em relação a prostituição. Portanto, exibem contornos diferentes. Elektra, por exemplo, a faz como uma extensão dela mesma, modo de angariar privilégios, mas reconhece que isso se deve ao fetiche que ela sustenta enquanto um aporte de sobrevivência. Blanca, se reserva, aparece como imbuída de um recato, se prostitui em último caso, marcada pelo retraimento próprio de sua autoestima. Já Angel, elabora a prostituição como uma arte e vende não um fetiche, mas, uma fantasia pelo qual brinca. Tipos-ideias são conceitos-limites que promovem uma visão caricatural do fenômeno analisado. Logo, existem outros aspectos nas trajetórias das personagens, não são figuras monolíticas, as três demonstram singularidades.

O ponto é justamente o fato da prostituição não se ligar somente a um mercado ou um recurso, mas abre-se a outras significações que levam em conta biografias diversas, processos de subjetivação e a marginalidade de outros corpos. Para a série, a prostituição vai além de um mercado de trabalho, se torna um fator social que molda, até certo ponto, cada uma das protagonistas.

#### 4.4 A narrativa da prostituição como atividade laboral na série *Pose*

*Pose* traz em sua trama diversos temas sociais como apontado anteriormente, a atuação no mercado de trabalho, sobretudo no mercado da prostituição, será o foco para o desenvolvimento deste tópico. Para isso foram selecionadas cenas em que as protagonistas apresentaram relações com o mercado de trabalho ou dialogaram sobre as motivações de atuar no mercado da prostituição.

Quadro 3 - A narrativa da prostituição como atividade laboral na série *Pose*.

CENA	MINUTAGEM	CONTEXTO
Angel é rejeitada em entrevista de emprego por ser mulher transexual.	46'10"	Episódio 1 - Piloto. Angel vai a uma loja em busca de emprego, mas é cortada instantaneamente pela gerente ao questionar pela vaga de emprego.
Blanca é humilhada por Elektra em seu trabalho.	50'24"	Episódio 2 – Acesso. Elektra vai visitar Blanca em seu trabalho e a humilha por trabalhar como manicure e não ter alguém para lhe bancar.
Angel fala para Patty Bowes	00'30	Episódio 6 – Amor é o caminho. Angel

que não é mais prostituta		fala para Patty que deixou de fazer programas depois que começou a se relacionar com Stan.
Em um clube de <i>Peep-View</i> , Angel se exhibe.	49'05''	Episódio 6 – Amor é o caminho. Na última cena Angel, entra em um clube de <i>Peep-View</i> para conseguir dinheiro.
Elektra atende um possível cliente em um bar.	24'20''	Episódio 7 – Aviso de Despejo. Elektra atende um homem que veio por seu anúncio no jornal, expõe suas exigências para fazer os atendimentos, mas é rechaçada ao falar que não tem mais o órgão genital masculino.
Elektra vai se exhibir em um clube de <i>Peep-View</i>	41'40''	Episódio 7 – Aviso de Despejo. Sem ter de onde tirar dinheiro, Elektra vai ao clube de <i>Peep-View</i> para exhibir seu corpo e ganhar algum dinheiro.
Angel volta a fazer programas	43'30''	Episódio 7 – Aviso de Despejo. Angel volta a fazer programa no Pier e entra no carro de um cliente para realizar o atendimento.
Blanca leva Elektra para procurar emprego em um restaurante	11'30''	Episódio 8 – Diva do ano. Blanca leva Elektra a um restaurante para fazer uma entrevista de emprego e a mesma não gosta da ideia de ter que trabalhar.

Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Para Elektra a prostituição vai além de uma profissão, é um meio de vida no qual a mesma obtém não somente o seu sustento, mas o de seus filhos, assim como esbanja luxos e privilégios que possui somente graças a sua atuação no mercado da prostituição. Elektra é um exemplo perfeito para a ideia levantada por Clarindo, Zamboni e Martins (2021), onde os autores afirmam que existe uma parcela das garotas de programa que exercem essa ocupação por escolha própria e não por necessidade. Para conseguir bancar seus luxos, a mãe da casa Abundance mantém um caso com uma importante figura pública nova-iorquina, como também realiza programas eventualmente, Elektra se torna uma espécie de “teuda e manteuda” desse homem misterioso. Fica claro ao longo dos episódios que ela tem algo mais que um caso, além de fornecer dinheiro, o homem a trata como objeto de desejo, um fetiche. Essa fetichização está intimamente ligada ao fato ambíguo de ser uma mulher com pênis.

Elektra, por outro lado, ignora esse fato e parece se sentir uma senhora respeitável, na trama ela é mostrada como uma mulher transsexual entre 30-40 anos, negra e impetuosa.

O seu concubinato acaba com a frase “você estragou o que a gente tinha”. Elektra efetiva sua posição de gênero, plena, completa essa é a sensação, todavia, agora, destituída do privilégio imaginado que cultivou. Após ser descartada por seu mantenedor, Elektra busca outros magnatas nova-iorquinos, mas percebe que não terá o que busca uma vez que não possui mais o instrumento de fetiche destes homens de alto calão. Levada por sua necessidade, Elektra começa a se exibir em um clube de *Peep-View*, local onde não é tocada pelos clientes, mas precisa exibir seu corpo em para ganhar alguns trocados.

No último episódio da temporada, Blanca leva Elektra a contragosto para uma entrevista de emprego em um restaurante, a matriarca da casa Abundance admite que prefere viver das regalias que a prostituição lhe proporcionava a ter que exercer um trabalho formal, mas a líder da casa Evangelista convence Elektra a fazer a entrevista. Ao final da temporada Elektra assume que está vivendo melhor com um trabalho regular e agradece a Blanca por lhe ter proporcionado esse meio de vida.

Por sua vez, Blanca trata a prostituição como algo de último caso, um recurso difícil e constrangedor. A matriarca da casa Evangelista representa o ponto de vista defendido por Branquinho e Dutra (2022), em sua pesquisa os autores apontam que a maior parte das mulheres transexuais e travestis que atuam como profissionais do sexo o fazem por motivos sociais ligados ao preconceito e a discriminação. Blanca tenta empregos alternativos ao longo da série, como cuidadora, maquiadora, costureira, cabeleireira etc. Seu foco é ser vista, reconhecida para além de um corpo: se Elektra usa o fetiche enquanto *modus operandi* financeiro e atrativo a revelia de suas próprias intenções e visões de mundo; Blanca recusa terminantemente e eleva sua personagem ao limite de uma gentileza para si própria e para os outros.

No segundo episódio de *Pose*, Elektra visita Blanca em seu trabalho, um salão onde sua “filha” trabalha como manicure, no meio da discussão Elektra humilha Blanca alegando que ela sempre terá que trabalhar em subempregos pois não tem o que é necessário para receber as regalias que a mesma recebe enquanto garota de programa de luxo. Blanca rebate alegando que não quer viver sendo sustentada por magnatas, mas que quer seguir adiante e ter acessos que Elektra não teve através da prostituição.

Apesar de não aceitar para si a prostituição como modo de vida, Blanca não julga quem o faz, na verdade a mãe da casa Evangelista defende Angel no sétimo episódio, quando

Papi tenta comparar o fato de traficar drogas com a atuação da moça no mercado da prostituição.

Por fim, para Angel a prostituição é como uma modelagem e ela parece brincar com o fascínio que desperta nos homens. Fascínio que não se traduz no fetiche exibido pelo amante de Elektra ou pelo pesar de Blanca, fascínio como uma arte, um jeito de expressar desejo que não rende a posição de objeto passivo. Angel elabora o ato de se prostituir como uma arte de desvendamento, ao modelo das gueixas, que exercem uma arte de entretenimento. Angel usa da sua arte e sua beleza como ferramentas para exercer sua profissão e o faz não somente como ganho de vida, mas como uma fantasia e uma linha de fuga, este pensamento é defendido por Rago (2008), para a autora, muitas garotas de programa exercem essa atividade para fugir dos padrões familiares e da disciplina do trabalho. Ela tem uma espécie de sensualidade inocente, uma sutileza que falta em Blanca e uma posição de vulnerabilidade diferente de Elektra. Angel performa, não de qualquer maneira, ao longo da trama, suas habilidades de atrair clientes misturando qualidades artísticas: maquiagem bem-feita, cabelo armado, olhar esvoaçado, trejeitos de feminilidade a florada. Em suma, Angel acaba por representar um alto grau de profissionalismo ao se oferecer enquanto uma fantasia.

Enquanto motivação, no segundo episódio de *Pose*, Angel explica para Stan que se prostitui porque gosta de ser admirada pelos homens, e que o dinheiro também é convidativo, acima de tudo porque a moça está juntando dinheiro para fazer a cirurgia de redesignação de sexo. Após conhecer e se apaixonar por Stan, Angel vai a uma loja em busca de emprego, mas é rapidamente rejeitada por ser mulher transexual, desta forma, a garota de programa propõe para Stan que a lhe sustente a fim de não fazer mais programas, tornando assim um objeto de prazer exclusivo do seu amante. Com o passar dos episódios a relação entre Angel e Stan vai se enfraquecendo e ao final do quinto episódio Patty descobre sobre o relacionamento do seu esposo com a garota de programa. Com o término da relação, Angel volta a se exhibir no clube de *Peep-View* e a se prostituir no pier.

Desta forma, as protagonistas estabelecem formas de lidar com a necessidade de se prostituir de diferentes modos, e cada uma mantém, em seu tempo e jeito, produzindo ao final questionamentos importantes. Elektra erige sua biografia incorporando tacitamente as maneiras como foi tratada, logicamente, isso gera uma noção distorcida de si mesma e das relações com o mundo. A prostituição acaba sendo uma forma de marcar território e se diferenciar das demais, trazendo ganhos para além da mera sobrevivência: um tímido alento de afeto e reconhecimento. Blanca, em seu mundo, já marcada pela rejeição, afetada pela epidemia de HIV, entende a prostituição exatamente como um não-lugar, um ponto onde

ninguém deveria estar, mas entende e respeita quem o faz. Angel a representa como uma brincadeira, pensada em termos de uma fantasia, um ato de liberdade e desejo, talvez até imaturidade. No entanto, não menos eivada de relações de poder e de constrangimento e com a finalidade de conseguir dinheiro para realizar seus objetivos pessoais. As três lidam distintamente com a prática de se prostituir, portanto, têm políticas pessoais diversas sobre seus corpos e comportamentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa foi o de discutir como a prostituição, enquanto profissão, é retratada através do ponto de vista das personagens transexuais da série *Pose*. Deste modo, a análise ocorreu através da seleção de cenas, após a série ser assistida, que apresentassem traços de motivações, estímulos, consequências e benefícios e limitações da atuação das personagens transexuais no mercado da prostituição.

No que diz respeito aos objetivos específicos, o primeiro foi refletir sobre como a transgeneridade é pensada nos diferentes registros discursivos que a série *Pose* apresenta, ou seja, entender como é retratada a imagem da mulher transexual através da narrativa da obra. Para personagens da comunidade LGBTQIAPN+ existiu uma dualidade de ponto de vista, para os personagens gays e transexuais da periferia de Nova York, as protagonistas transexuais são retratadas como mulheres carregadas características únicas e com certa autoridade uma vez que muitos dos personagens viam estas personagens como mãe de suas respectivas casas. Já os personagens gays brancos e abastados viam as mulheres transexuais como seres desprezíveis que não mereciam sequer dividir o mesmo espaço em um bar.

A mesma dualidade também foi encontrada no núcleo heterossexual da trama, ao passo que boa parte da sociedade heteronormativa via as personagens transexuais como escória da sociedade e como um vetor disseminador do vírus do HIV, outra parte enxergava, de forma velada, as mulheres transexuais como um objeto de prazer e um fetiche a ser explorado.

Diante do segundo e terceiro objetivos específicos, estes sendo analisar como a profissão de garota de programa é retratada na série, onde o segundo visou analisar os fatores sociais ligados a prostituição e o terceiro buscou descrever a prostituição como atividade laboral de acordo com o ponto de vista das personagens. Para Elektra, a prostituição era um meio de viver com luxo e regalias, era através da prestação de serviços sexuais que a mesma conseguia dinheiro e status para viver conforme lhe convinha. Para Blanca, trabalhar como garota de programa era um meio de sobrevivência, uma última opção para sobreviver, mas algo da qual a mesma não se orgulhava e lutava contra sempre que possível. Por fim, para Angel, a prostituição era tida como um ato de liberdade, uma fantasia e uma brincadeira, onde a mesma poderia encontrar não somente o prazer, mas um retorno financeiro que lhe brilhava os olhos.

Com relação ao objetivo geral da pesquisa, foi alcançado através da percepção do que era atuar no mercado da prostituição para as protagonistas transexuais da série *Pose*,

como foi apresentado durante o referencial teórico a maneira que, foi identificado que a prostituição, apesar de não ser oficialmente uma profissão, era uma ocupação que possibilitava não somente a sobrevivência das personagens, mas também a obtenção de lucros e a realização de fetiches e fantasias.

Através das análises se concluiu que a prostituição, em alguns cenários da série *Pose*, de fato é o único meio de sobrevivência de pessoas transexuais, seja por falta de especialização profissional, discriminação social, abandono parental ou por outros fatores. Porém, também concluiu-se que a prostituição é uma opção e que muitas pessoas transexuais optam por seguir nesta ocupação por escolha própria, seja por acreditar que é um meio mais fácil de angariar fundos, seja para a realização pessoal de uma fantasia, ou até mesmo como ato de resistência contra padrões impostos pela sociedade.

Neste trabalho buscou-se defender a ideia de que a prostituição é uma atividade laboral como diversas outras profissões, porém, necessitando ainda de regulamentação. Sendo assim, esta obra tem por finalidade defender que as garotas de programa, sobretudo mulheres transexuais e travestis, entram neste mercado, em grande parte dos casos, por opção e não por necessidade.

Dentre as principais contribuições deste trabalho, é possível destacar a aproximação do diálogo entre a prostituição e as relações de trabalho, trazendo para o secretariado um olhar a respeito da prostituição diferente do que pode ser estudado durante a graduação. No que diz respeito às limitações, vale ressaltar que este trabalho apresenta dados retirados da série fictícia *Pose*, desta forma, os recortes evidenciados não representam a realidade de todas as garotas de programa, mas de uma parcela que foi retratada de acordo com os fatores temporais e geográficos mostrados na série.

Por fim, a sugestão para aprofundamentos futuros da pesquisa, seria a análise da realidade de garotas de programa na atualidade, assim como entrevistas com garotas de programas que atuem no mercado local a fim de entender não somente um recorte fictício, mas da realidade vivida por pessoas transexuais prostituídas fora do mundo cinematográfico.

## REFERÊNCIAS

- BALLOUTE, S. R. R. O CARÁTER LABORAL DA PROSTITUIÇÃO E A NECESSIDADE DE SUA REGULAMENTAÇÃO. **Revista Vertentes do Direito**, v. 10, n. 1, p. 356–389, 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENTO, B. 2006. **A reinvenção do corpo**. Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Gramond.
- BENTO, B. 2008. **O que é transexualidade**. São Paulo, Brasiliense.
- BENTO, B. **A Reinvenção do Corpo**: Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BLESSIO, Emilia Victoria Fossat. Representación de la identidad trans en la serie POSE y en la novela Las Malas. **Avances**, Córdoba, v.1, n. 30, p.137-149, 2021. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/avances/article/view/33500>. Acesso em 20/07/2024.
- BRANQUINHO, Evânio; DUTRA, Jean. Territorialização da Prostituição Transexual e Travesti em Alfenas/MG. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 201227, 2022. ISSN 21772886.
- BUTLER, Jeremy G. **Television: Critical Methods and Applications**. Nova York: Routledge, 2009
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 14, p. 319–351, ago. 2013.
- CECATO, Maria Aurea Baroni. **Interfaces do Trabalho com o Desenvolvimento**: Inclusão do Trabalhador Segundo os Preceitos da Declaração de 1986 da Onu Prima Facie, João pessoa, V. 11, N. 20, ANO 2011, Jan/jun, 2012, p. 23-42.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – Corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro – Sexo**, Belo Horizonte, v. 4, p. 1-14, 2008. Disponível em: [https://ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli\\_prostituicao-corpo-mercadoria.pdf](https://ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_prostituicao-corpo-mercadoria.pdf). Acesso em 12/04/2024.
- CERVO A. L.; BERVIAN P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHRISTIANE KLEINÜBING GODOI. ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA DA INTERPRETAÇÃO SOCIAL DOS DISCURSOS: UMA POSSIBILIDADE ABERTA AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **DOAJ (DOAJ: Directory of Open Access Journals)**, 1 ago. 2010.

CLARINDO, A. O.; ZAMBONI, J.; MARTINS, R. W. A. Entre fantasmas da puta e a regulamentação da prostituição: **Revista Periódicus**, v. 3, n. 16, p. 01-22, 18 dez. 2021.

CONDE, F. (2009). **Análisis sociológico del sistema de discursos**. Madrid, España: Centro de Investigaciones Sociológicas.

CORRÊA, Willian Henrique; HOLANDA, Adriano Furtado. Prostituição e sentido de vida: relações de significado. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, 2012.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psuf/a/JXwgsfhtFqh7bDMwxS9QhhR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20/03/2024.

DELGADO, Maurício Godinho. **Curso de direito do trabalho**. 7. ed. São Paulo: LTr, 2008.

DUARTE, R. O.; VANZ, D. Qualidade de vida das profissionais do sexo de Criciúma, Santa Catarina, Brasil. **Congresso Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, v. 22, n. 8, p. 1-7, 2008. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Duarte-Vanz\\_26.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST26/Duarte-Vanz_26.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2024.

FONSECA, Maria Hemília. **Direito ao trabalho: um direito fundamental**. São Paulo, LTr, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

**Há 40 anos, primeiros casos de Aids eram relatados nos EUA**. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ha-40-anos-primeiros-casos-de-aids-eram-relatados-nos-eua/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.

LEITE JR., J. 2011. **Nossos corpos também mudam**. A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo, Annablume.

LEITE, N. R. P., & LEITE F. P. **Protocolo de observações para o processo de coleta e análise de dados oriundos de filmes comerciais** sob a égide dos estudos observacionais no processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração. Produção Técnica, São Paulo, 2012.

LEITE, N. R. P.; LEITE, F. P. Um estudo observacional do filme Denise Está Chamando à luz da Teoria de 5 Ação de Chris Argyris e Donald Schön. **Revista de Gestão USP**, v. 14, n. especial, p. 77-91. São Paulo: FEAUSP, 2007.

LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 761–784, dez. 2016.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Neumalyne Lacerda Alves Dantas. A EXCLUSÃO DAS PESSOAS TRANS DO MERCADO DE TRABALHO E A NÃO EFETIVIDADE DO DIREITO FUNDAMENTAL AO TRABALHO. **Revista de Gênero**, Sexualidade e Direito, v.2, n. 1, p. 261-277, jan/jun. 2016.

MARINS NUNES, P. C. Prostituição, políticas públicas e relações de poder: prostitutas no exercício da sua profissão. **IX Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB**, Brasil, out. 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/ixsidh/ixsidh/paper/view/4452/1784>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MARTINS, Gilberto de Andrade e THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas. Acesso em: 18 mar. 2024., 2009

MELLO, Carlos A. Andrade. Um olhar sobre o fetichismo. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 29, n. 54, p. 71-76, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v29n54/v29n54a10.pdf>. Acesso em 12/04/2024.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. DA. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciencia & saude coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1709–1722, 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, A. N. D.; NOGUEIRA DA SILVA, G. S. A construção do ser travesti. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 11, p. 381–403, 2019.

MOREIRA, Adilson José. **O que é discriminação?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

MOURA, E. B. B. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). **Revista de História**, São Paulo, n. 125-126, p. 163-169, jul. 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/64347/67018>>. Acesso em: 21 mar. 2024..

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: Princípios e procedimentos**. 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. [S. l.: s. n.], 2019.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI PUCINELLI, E. (org.). **Gestos de leitura da história no discurso**. Campinas: UNICAMP, 1994.

Penalva, C. V., Alaminos, A. C, Francés, F. J. G., & Santacreu, O. A. F. (2015). **La investigación cualitativa: Técnicas de Investigación y Análisis con Atlas.Ti.**, Universidad

de Cuenca/Cuenca, Equador: PYDLOS Ediciones.

PERUFO, MARIA D.; CAVALLI, V. A Obra Cinematográfica como Formadora de Sentidos: uma análise do filme Memórias de uma Gueixa. **Revista GEMInIS**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 317–338, 2010. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/25>. Acesso em: 13 abr. 2024.

PETRY, A. P.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**: Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011.

PRECIADO, P. B.. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RIOS, Roger Raupp. **Direito da antidiscriminação**: discriminação direta, indireta e ações afirmativas. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2008.

RIVETTI, S. O CARÁTER LABORAL DA PROSTITUIÇÃO E A NECESSIDADE DE SUA REGULAMENTAÇÃO. **Revista Vertentes do Direito**, v. 10, n. 1, p. 356–389, 4 jul. 2023.

RODRIGUES, Márcia Regina. **Traços épico-brechtianos na dramaturgia portuguesa**: o render dos heróis, de Cardoso Pires, e Felizmente há luar!, de Sttau Monteiro [online]. São Paulo: Ed.UNESP, 2010.

Ruiz Ruiz, J. (2009). **Análisis sociológico del discurso**: Métodos y lógicas. Forum: Qualitative Social Research, 10(2). Recuperado de <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1298/2882>

SILVA, A. L. A **figura da transexual no universo cinematográfico**: Uma análise psicossocial. Maceió, AL, 98 f. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso: Curso de Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, 2008.

SILVA, A. L. DA; OLIVEIRA, A. A. S. DE. Transexualização em Narrativas de Histórias de Vida sobre a Infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 484–508, 30 jul. 2015.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em diferentes lócus de prostituição da cidade. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872010000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Sobre sexualidade e espaço: prostituição e território travesti. : RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Território, sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

SÔNIA CORRÊA *et al.* A política da prostituição no Brasil: entre a “neutralidade do Estado”

e os “problemas feministas”. **Iluminuras**, v. 22, n. 59, 31 dez. 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. : CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77 116.

TEIXEIRA, F. 2013. **Dispositivos de dor**: saberes – poderes que (con)formam a transexualidade. São Paulo, AnnaBlume.

**TMM update trans Day of Remembrance 2018**. Disponível em:

<<https://transrespect.org/en/tmm-update-trans-day-of-remembrance-2018/>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

TOMURA, M. A prostitute’s lived experiences of stigma. **J Phenomenol Psychol.**, Netherlands, v. 40, n. 1, p. 51-84, 2009. Disponível em:

<<http://home.hccnet.nl/r.ermers/MOPerspectief/doc/Tomura-prostitute-stigma.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

VER. **Ver Pose Episódios completos | Disney+**. Disponível em:

<<https://www.disneyplus.com/pt-br/series/pose/1ARtTsGv1oCS>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Objetivos	Itens a serem analisados
<p>I) Refletir sobre como a transgeneridade é pensada nos diferentes registros discursivos que a série Pose apresenta.</p>	<p>I) Como cada protagonista transexual é caracterizada na série;</p> <p>II) Falas onde as personagens transexuais se entendem como pessoas trans, suas limitações e benefícios.;</p>
<p>II) Identificar como a prostituição, enquanto fator social, é vista de acordo com a narrativa das personagens transexuais principais da série Pose.</p>	<p>I) Diálogos que apresentem relação entre a prostituição e o meio social que as personagens estão inseridas;</p> <p>II) Cenas que contenham diálogos entre pessoas prostituídas e pessoas que não trabalham neste mercado.</p>
<p>III) Descrever como a série Pose elabora uma narrativa de como a prostituição é tida como atividade laboral.</p>	<p>I) Diálogos sobre a motivação do ingresso das personagens na prostituição;</p> <p>II) Cenas de discriminação no mercado de trabalho;</p> <p>III) Fatores que apresentam motivações para atuação no mercado da prostituição.</p>